

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

SABRINA DA SILVA DIAS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

ENREVISTA COM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ao longo do meio século em que exerceu o ofício da literatura, Carlos Drummond de Andrade ficou famoso como homem tímido e reservado, avesso às entrevistas. Essa imagem ele mesmo a cultivava, como bom artifício para se defender dos repórteres e jornalistas que o assediavam. Em janeiro de 1984, Drummond concedeu em seu apartamento para uma longa e substancial entrevista, das maiores entre as poucas que já havia concedido. Foram quase duas horas de gravação, quando o mineiro de Itabira, loquaz e bem-humorado, falou de tudo: de literatura, de democracia, de política, de poder, de universidade, de erotismo... e dos muitos amigos que soube cultivar. Um deles, Manuel Bandeira, declarou certa vez, a propósito de conhecidos escritores ingleses que visitavam o Rio: “Dois poetas que, somados e multiplicados por dois, não dão um Carlos Drummond de Andrade”.

Muitos críticos apontam “Sentimento do mundo” e “A rosa do povo” como os seus melhores livros, pelo compromisso político-social que os caracteriza. Como você vê esse compromisso, hoje?

Carlos Drummond De Andrade — *Eu acho que o compromisso social é do homem. Ele não pode ficar indiferente diante da injustiça: se você vê uma criança apanhando de um adulto, você se revolta — se tiver força para impedir, você impede. Então, numa escala universal, o homem deve sentir a crueldade das relações políticas e sociais vigentes no mundo. Agora, isso não tem nada a ver com o artista, com o escritor: é uma coisa natural no ser humano, a menos que ele seja pervertido por natureza ou incapaz de reação diante desses fenômenos.*

Muita gente o critica porque você já não faz poesia social...

Drummond — *Perdão, eu faço. Acho que meu poema longo “O marginal Clorindo Gato” é um poema social. Os poemas que faço sobre a poluição do Rio Tietê, sobre a destruição das árvores, são poemas sociais, no sentido em que clamam contra uma organização viciada do governo, contra uma interpretação errada dos deveres da comunidade para com os bens naturais. (...)*

Passados mais de cinquenta anos de carreira literária, qual a crítica que você faz, hoje, aos seus primeiros poemas?

Drummond — *Muita coisa do que eu fiz, que data de 1930, eu acho hoje uma porcaria, não faria de novo. São obras que não resistem. Mas, também, seria preciso julgar com o espírito de então... Considero uma calamidade, uma injúria alguém publicar as coisas iniciais, aqueles vagidos dos escritores que se tornaram mais ou menos conhecidos. Saem coisas incríveis... Uma ocasião, Afonso Arinos brigou comigo — politicamente, não pessoalmente —, porque ele era da oposição e eu do governo. Eu tive a triste sina de ser do governo, em Minas Gerais. Era amigo do Capanema, então trabalhava com ele. Mas Capanema fora meu colega de colégio, não um político que eu procurasse pra subir, pra fazer carreira. Nós éramos de jornais adversários, e o Afonso não gostou de umas coisas que eu tinha feito. Então publicou no jornal dele, com uma chamada de primeira página, coisas que eu havia escrito aos dezoito anos. Você não pode imaginar a chateação que me deu! Eu telefonei pra ele e disse: “Escuta, Afonso, você compreende que foi muito safado comigo? E eu vou me vingar publicando coisas suas também...”. Mas a essa altura o Capanema, que sabia da história e não queria brigar com Virgílio de Melo Franco, irmão do Afonso e que era o chefe político da oposição, me pediu: “Ô Carlos, deixa dessa bobagem, considera isso acabado...”. Na realidade, nossa briga havia resultado de atritos políticos, não pessoais. Mas até hoje o Afonso se queixa de que eu o castigava muito, quando ele trabalhava no jornal em que fui redator-chefe, de que eu o mandava fazer muita coisa... Eu sempre achei que ele não tem a menor razão. Até em livro ele andou publicando isso. Eu era redator-chefe de um jornal da maior importância política, porque era o órgão do Partido Republicano Mineiro. Mas o jornal em si não tinha o menor valor, era um papelucho de quatro páginas mal impressas, de composição manual, no tempo em que já havia linotipo.*

Você está ligado, historicamente, à chamada Geração de 30 do Modernismo, ao lado de Cecília Meireles e Vinicius de Moraes. O que de mais importante deixou essa geração para a poesia brasileira?

Drummond — *Eu não sou muito partidário de classificar o escritor dentro do*

esquema de uma geração. Por exemplo, Cecília Meireles: ela era uma pessoa absolutamente independente de qualquer geração, vivia na sua torre, era uma deusa, um mito. Custei a me aproximar de Cecília Meireles, eu a admirava muito, desde antes de vir para o Rio. Mas ela era fechada, um pouco desconfiada, era uma beleza assim astral... Você já viu o retrato de Cecília Meireles? Era uma beleza! Mas fora malsucedida na vida: teve um marido que se suicidou, era um desenhista excelente, português. Parece que ela sentia uma certa desconfiança dos homens, em geral, com relação às mulheres e a ela em particular, porque tinha uma beleza realmente esplêndida: beleza física, talento, sensibilidade... Acho difícil classificar Cecília na Geração de 30, mesmo porque ela publicou livros antes disso. Eu, sim, por acaso — eu, o Schmidt e o Murilo Mendes estreamos em 1930. Mas a geração em que de certa maneira me incluo é a dos jovens mineiros.

Qual, na sua opinião, a grande figura da poesia brasileira neste século?

Drummond — *Para o meu gosto, Manuel Bandeira. Hoje ele é um tanto subestimado — ele se dizia poeta menor e as pessoas pegaram isso, o estão chamando de poeta menor. É a maior injustiça. Em primeiro lugar, acho Bandeira importante porque ele pegou as fases parnasiana, pós-simbolista, modernista e concretista, deu exemplos de poemas em todas essas vertentes. E também por sua capacidade de cativar pela poesia. Quantas pessoas se apaixonaram pela poesia de Bandeira, quantas pessoas recitavam aquilo com ternura, com amor, com carinho especial por ele! Esse carinho era realmente extraordinário, Manuel era mimado... Essa coisa passa, o sujeito morrendo é esquecido, abandonado, surgem novos valores. (...)*

Algumas revistas de circulação nacional têm trazido poemas eróticos seus da melhor qualidade literária. Fala-se que você já escreveu algumas dezenas deles, mas que não pretende publicá-los em vida. É verdade isso?

Drummond — *De fato, algumas revistas me pediram poemas eróticos e eu publiquei. Essas revistas têm entrevistado Teotônio Vilela, Antônio Gallotti — pessoas da esquerda e da direita, personalidades brasileiras que jamais poderão ser acusadas de pornógrafas. Então*

eu acho que o nível dessas publicações não deve ser avaliado pelas fotografias de mulheres peladas, mas pela variedade de assuntos que comportam, inclusive a literatura e as entrevistas sobre temas políticos, sociais etc. revisão de provas etc.(...)

Segundo os manuais escolares, é você, com Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, um dos quatro grandes cronistas da literatura brasileira contemporânea. O que mais o realiza como escritor, o poema ou a crônica?

Drummond — *A crônica eu faço profissionalmente, porque preciso ganhar dinheiro. O jornal me paga, então eu debulho aquilo como uma coisa até meio mecânica. Uma vez ou outra é que me sinto assim com mais prazer; fora disso, faço aquilo por obrigação. Não é uma obrigação tediosa porque procuro fazer corretamente, para não chatear demais o leitor. Mas sinto que às vezes chateia, porque aparecem reações. Um sujeito me escreveu de São Paulo, sem se identificar, dizendo: “Pára de escrever ‘O avesso das coisas’, você está muito chato!”.* (...)

In Drummond: a lição do poeta. Teresina, Corisco, 2002

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Em uma entrevista, ficam claras as colocações feitas pelo entrevistador e entrevistado, pois ambos são identificados antes de seus discursos. Porém, há uma diferença entre a primeira identificação de Carlos Drummond de Andrade e as demais. Explique por que isso acontece.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

Para responder a essa questão, o aluno deve saber identificar a disposição de um texto do gênero *entrevista*. A partir disso, ele deve explicar que não é necessário que o

entrevistador repita o nome completo do entrevistado na abertura de todas as respostas, apenas é necessário que isso aconteça na primeira resposta. Após isso, o entrevistado pode ser representado por apenas um nome ou sobrenome que seja mais conhecido. No caso do texto, o sobrenome DRUMMOND.